

divíduos (idade média de 7,9±2,4 anos em T1; 16,9±3,4 anos em T2), dos quais 29 (40,8%) apresentavam fenda lábio-palatina unilateral, 13 (18,3%) fenda labial e 29 (40,8%) eram saudáveis. O grupo de controlo foi composto por indivíduos sem fenda e emparelhado por sexo e idade. A análise dos dados cefalométricos incluiu representações gráficas dos valores médios padronizados e comparações entre grupos com recurso a ANOVA, Testes de Kruskal-Wallis e respetivos testes post-hoc. **Resultados:** Antes do pico de crescimento, registaram-se diferenças significativas entre grupos na dimensão sagital maxilar (SNA; $p=0,004$) e mandibular (SNB; $p<0,001$), bem como na dimensão vertical mandibular (MP-SN; $p<0,001$) e morfologia mandibular (GoAngle; $p=0,014$). Nas comparações múltiplas, os indivíduos com fendas lábio-palatinas apresentaram valores significativamente inferiores de SNA ($77,9\pm3,59^\circ$ vs. $80,67\pm3,4^\circ$), SNB ($73,21\pm3,09^\circ$ vs. $76,84\pm3,82^\circ$) e significativamente superiores de MP-SN ($37,47\pm6,52^\circ$ vs. $31,6\pm4,74^\circ$) e ângulo goníaco ($128,43\pm8,32^\circ$ vs. $123,38\pm5,2^\circ$) quando comparados com o grupo de controlo. Os indivíduos com fendas labiais apresentaram a maior discrepância sagital média, com ANB significativamente superior aos restantes grupos ($7,15\pm3,27^\circ$ vs. $4,69\pm3,52^\circ$ para o grupo de fendas lábio-palatinas e $3,83\pm2,04^\circ$ para o grupo de controlo). No que respeita ao crescimento, os indivíduos sem fenda apresentaram diferenças significativas nas alterações sagitais maxilares, com um crescimento médio do SNA de $1,41\pm2,83^\circ$ vs. $-2,2\pm2,79^\circ$ para o grupo com fenda lábio-palatina e $-1,31\pm2,35^\circ$ para o grupo com fenda labial. Foram ainda registadas diferenças significativas a nível da chanfradura mandibular, com o grupo de controlo a demonstrar um aumento médio de $2,4\pm6,51^\circ$, face a uma redução de $3,62\pm7,26^\circ$ no grupo com fenda lábio-palatina. **Conclusões:** Os indivíduos com fenda lábio-palatina unilateral e fenda labial apresentam diferenças significativas na morfologia e no crescimento maxilar e mandibular, as quais devem ser consideradas no planeamento e tratamento ortodôntico destes pacientes.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2023.11.1172>

#113 Influência do uso de chupeta na cronologia de erupção da dentição temporária



Maria Mano*, Ana Paula Macedo, Ana Norton, David Andrade, Cristina Areias

FMDUP

Objetivos: O presente estudo de investigação pretende estabelecer uma relação entre o uso de chupeta e o desenvolvimento de alterações na cronologia de erupção da dentição temporária, em crianças com idades compreendidas entre os 3 e os 6 anos. **Materiais e métodos:** O presente estudo desenrolou-se em duas fases. A primeira fase prendeu-se com a recolha de informação relativa ao hábito de sucção não nutritivo através de um questionário estruturado entregue aos responsáveis legais da criança. Na segunda fase do estudo, foi realizado um exame intraoral, pela investigadora, através do qual se pretendeu recolher dados clínicos relativos à cronologia de erupção adequada

à faixa etária. Os dados foram tratados e analisados com recurso ao programa de estatística IBM SPSS Statistics, versão 27.0. **Resultados:** A amostra foi constituída por 62 crianças, das quais 75,8% ($n=47$) usa ou usou chupeta. A média de idades da erupção do primeiro dente temporário foi de, aproximadamente, 7 meses, e a média da erupção do último dente temporário foi de, aproximadamente, 29 meses. Observou-se uma diferença estatisticamente significativa entre o uso de chupeta e a idade de erupção do último dente temporário. **Conclusões:** A idade de erupção do último dente temporário é menor nas crianças que usam ou usaram chupeta.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2023.11.1173>

#114 Estudo Longitudinal da Assimetria Facial em Crianças com Mordida Cruzada Unilateral



Ana Rita de Oliveira Santos*, Patricia Gomes, Joana Godinho, Luís Jardim

FMDUL

Objetivos: Este trabalho teve por objetivo realizar uma avaliação morfométrica da assimetria facial em crianças com mordida cruzada posterior unilateral, antes e depois do tratamento ortodôntico corretivo, através do uso de fotografias de frente em repouso. **Materiais e métodos:** Para a realização deste estudo longitudinal de uma série de casos, foram selecionadas 47 crianças com mordida cruzada posterior unilateral e com fotografias de frente em repouso e teleradiografias de perfil, obtidas antes e depois da correção ortodôntica, com um aparelho de expansão fixo. As fotografias foram calibradas a partir das teleradiografias e analisadas com um programa informático, para quantificar a assimetria em várias regiões da face, nomeadamente os lábios, mento, ângulo mandibular e região zigomática, tendo como referências a linha bipupilar e a perpendicular a esta que passa pelo filtro labial. O erro do método foi determinado através de medições repetidas. A presença de uma assimetria significativa foi calculada através de testes-t para uma amostra e a comparação entre a assimetria antes e depois do tratamento com expansão, foi efetuada com testes-t para amostras emparelhadas, determinando-se como significativo um $p<0,05$. **Resultados:** A média de idades foi de 8,6 e de 11,3 anos, respetivamente, para antes e depois do tratamento ortodôntico. Antes do tratamento da mordida cruzada, a assimetria goníaca vertical foi a mais significativa ($1,76\pm2,8\text{mm}$). O número de variáveis que apresentavam uma assimetria diminuiu com o tratamento ortodôntico, apesar de algumas continuarem a ser significativas após a correção ortodôntica. Ao analisar o efeito do tratamento, a variável correspondente ao desvio vertical do mento em relação à linha horizontal de referência, apresentou uma redução significativa da assimetria ($p=0,024$). **Conclusões:** Este estudo permite concluir que a assimetria facial está presente antes e depois do tratamento da mordida cruzada posterior unilateral, embora diminua com o tratamento. A correção da mordida cruzada levou a uma redução significativa na assimetria do mento.

<http://doi.org/10.24873/j.rpemd.2023.11.1172>